

Resenhas

ZANKER, P. *La maschera di Socrate – L'immagine dell'intellettuale nell'arte antica*. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1997.

Entendido de maneira mais ampla, o tema deste livro não é novo. Estudos sobre Cícero, Sócrates, Platão e Ovídio são publicados às centenas todos os anos. Os pensadores antigos sempre atraíram filólogos, historiadores e filósofos, especialmente por suas obras, e ninguém pode contestar a importância destes estudos. No entanto, não deixa de ser curioso que a mais excitante contribuição recente sobre o tema tenha partido da pena de um arqueólogo. O livro em questão é original não só pela maneira como define o tema (a imagem do intelectual, e não a obra do intelectual), mas principalmente pelos resultados obtidos e pelo método empregado.

Os últimos trabalhos de Zanker, sobre o poder das imagens na época de Augusto e as formas de habitar em Pompéia, apesar de usarem fontes diferentes, possuem uma problemática comum: são um estudo sobre os valores coletivos expressos por objetos. Podemos dizer, portanto, que a relação entre o concreto e o pensado, entre o material e o mental, está no centro das preocupações deste autor. Essa questão é levada ao limite máximo na obra que resenhamos: o próprio objeto, as imagens materiais de intelectuais, nos leva a refletir sobre essa relação. Definindo "intelectual" de uma maneira vaga (aquele que reflete, critica, educa ou debate com sua sociedade), Z. se coloca duas questões: quais os "objetivos" destas imagens e qual o efeito que elas exercem sobre a tensão entre os valores coletivos e a auto-percepção dos retratados (p.5). O livro pode ser dividido em três partes, com seis capítulos no total. A primeira parte, o capítulo 1 (Imagens, espaços, valores. Três exemplos introdutivos), corresponde a uma introdução onde o problema e o método são definidos.

A Segunda parte, compreendendo os três capítulos seguintes, é dedicada a intelectuais gregos, e cobre um período que vai do V ao II Século a.C. Nesta parte, Z. trabalha com imagens de artistas bem definidos, e mostra (cap.2: O Intelectual como bom cidadão) como na *pólis* clássica não havia uma imagem específica do intelectual. Os valores expressos eram os valores democráticos, a igualdade, a ordem, o auto-controle. Z. mostra como esta ênfase democrática perdeu força ao longo do Século IV, quando começaram a surgir figuras específicas: os poetas

foram diferenciados dos filósofos, e estes o foram entre si (Cap.3: A fadiga do pensar). Nessa época, inclusive, começou a se desenvolver um culto da *paideia*, visível na representação de intelectuais como Homero e Sócrates (Cap.4: Sobre os ombros dos antigos). As imagens dos intelectuais realizaram um percurso que foi, portanto, da indistinção frente aos valores citadinos ao culto dos intelectuais do passado.

O conjunto de questões tratadas se amplia na terceira parte, dedicada ao Império romano. Aqui, não são imagens específicas que recebem atenção, mas o ambiente intelectual, de maneira mais geral. Os romanos admiravam os pensadores gregos do passado, e decoravam suas ruas, templos e *villae* com seus retratos. No Século II d.C. esta admiração virou moda, especialmente os reinados de Adriano e Marco Aurélio (Cap. 5: A barba de Adriano), quando o uso da barba e demais atributos filosóficos se generalizaram. Esta associação entre política, *status*, cultura e religião seria preservada mesmo durante a Antiguidade Tardia (Cap.6: Do culto da *paideia* à visão de Deus), período para o qual Z. analisa inúmeras imagens de intelectuais, pregadores cristãos e do próprio Cristo, mostrando que também seguem o antigo modelo dos filósofos. A definição do intelectual muda: seu conhecimento não vem mais da reflexão trabalhosa, mas da revelação - as distinções entre homens santos e pensadores são esmaecidas.

Z. passeia, assim, por uma imensa variedade de imagens. Sua erudição impressiona, e o rigor com que emprega seu método é realmente estimulante. Daí, inclusive, a originalidade de suas conclusões (muitas estátuas têm sua autoria e seu tema redefinidos). Para o público, no entanto, o método empregado pelo autor talvez seja o mais interessante em todo o livro. Para ele, questões como o contexto da produção, a identidade de quem a encomendou e seus objetivos são de grande importância. Ao mesmo tempo, as imagens são analisadas a partir de seu tema, a descrição pré-iconegráfica, e da iconografia propriamente dita, identificando os elementos icônicos e relacionando-os a outras obras, anteriores ou contemporâneas. Isso envolve algumas dificuldades, pois como ele mesmo avisa, a maior parte dos retratos é de época romana. Em geral, as cópias de retratos gregos se limitavam ao busto e isso dificulta em muito o trabalho do estudioso: depende, assim, de um grande repertório de fontes para reconstituir a forma original e o contexto de exposição de estátua. Dessa forma, Z. é capaz de respeitar a autonomia de seu objeto ao mesmo tempo em que o mostra como um produto histórico, estruturado e estruturante da cultura da qual faz parte.

Apesar de aqui ser ultrapassado um limite incômodo de obras anteriores, o problema da recepção destas imagens (especialmente nos dois

últimos capítulos, os mais interessantes), Z. deixa de se colocar o problema de como os intelectuais eram percebidos por seus contemporâneos. Recepção e percepção não são a mesma coisa. Seria interessante discutir os limites e as relações entre estas duas ações, o autor dispõe de material para isso. Apesar de não ser exatamente uma falta em um livro tão estimulante, Z. deixou de passar a oportunidade de avançar o que seria um campo ainda em formação, uma história da cognição, para além das representações.

Carlos Augusto Ribeiro Machado

REEDER, E. (org.). *Pandora. Women in Classical Greece*. Princeton: Princeton University Press, 1995.

Não poderia haver escolha mais apropriada para nomear esta coleção de artigos, reunindo alguns dos estudiosos mais importantes do momento em termos de história da mulher na Grécia Antiga. O nome Pandora sintetiza, na figura da mulher, uma origem, um destino, e uma imagem; são características dos textos apresentados aqui a busca da definição de um campo onde seja possível a visibilidade da mulher entre os antigos gregos, quer para isso refletindo com o instrumental da história social, da história cultural, ou da história de gênero; mas principalmente, usando material ainda pouco explorado pelos historiadores: a profusão de imagens com as quais a Grécia Antiga nos brinda, imagens em vasos de cerâmica mas, ainda, esculturas, estelas funerárias, objetos em geral. O livro divide-se em duas partes, a primeira consistindo em uma série de ensaios explorando a imagem que os antigos gregos contruíram do feminino, e a segunda parte constituindo um catálogo temático da iconografia do feminino. Os ensaios partem quer da análise de fontes textuais e visuais (como os de F. I. Zeitlin explorando a construção mítica da figura de Pandora, J. Oakley tratando do tema iconográfico do casamento, ou F. Lissarrague, analisando a metáfora da mulher como “*container*”), quer de problemas, como a relação de gênero e os espaços público e privado (C. Sourvinou-Inwood). O catálogo divide-se em quatro seções: representações “paradigmáticas” da mulher (*gestualidade, aidós*); metáforas da imagem relacionando a mulher com potes e têxteis; metáforas ligando o feminino à selvageria de animais; por fim, a imagem mitológica da alteridade feminina (*mênades, amazonas, medusa, etc*). Não se trata de uma tentati-

va de esgotar, mas de exemplificar, tornar visível a existência de um tal campo de pesquisas em termos de iconografia do feminino. Embora tenha sido lançado há três anos, *Pandora* é ainda uma das obras representativas da vanguarda no estudo do feminino na Grécia Antiga, e por isso é uma referência importante, inclusive no uso da iconografia para “fazer falar” um discurso social sobre a mulher, auxiliando-nos a escapar da miragem da passividade e submissão da mulher na *pólis*. Infelizmente, o livro não se encontra traduzido para o português, como aliás a grande maioria dos estudos recentes em História Antiga.

Marta Méga de Andrade